



Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto  
Instituto Politécnico da Guarda

# RELATÓRIO DE ESTÁGIO

Licenciatura em Animação Sociocultural

Marina Martins Morais  
janeiro | 2012



**Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto**

Instituto Politécnico da Guarda

---

RELATÓRIO DE ESTÁGIO

MARINA MARTINS MORAIS

RELATÓRIO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE LICENCIATURA  
EM ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL

Janeiro / 2012

## **Relatório de Estágio**

### **Licenciatura em Animação Sociocultural**

**Nome:** Marina Martins Morais

**Número de aluno:** 6536

**Estabelecimento de ensino:** Instituto Politécnico da Guarda – Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto

**Docente Orientador:** Florbela Rodrigues

**Instituição de Estágio:** ACREDITAR – Associação de Pais e Amigos de Crianças com Cancro – Coimbra

Rua Camilo Pessanha, nº2, 3000-600 Coimbra (junto ao Novo Hospital Pediátrico)

Telefone: 239 482 027

Telemóvel: 91 230 49 83

Fax: 239 482 386

E-mail: a.acreditar\_coimbra@sapo.pt

**Tutor do Estágio:** Telma Sousa

**Duração do Estágio:** 3 meses

Início a 1 de Março

Conclusão a 31 de Maio

## **Agradecimentos**

Quero agradecer à Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto pela formação e ajuda prestada neste meu período académico.

Quero agradecer aos meus orientadores por parte do Instituto, ao Professor Hugo Rodrigues e à Professora Florbela Rodrigues, pelas opiniões, pela disponibilidade e pelo apoio que me deram ao longo do estágio.

Quero agradecer à Associação de Pais e Amigos de Crianças com Cancro – Acreditar, Casa de Coimbra por ter aceiteado o meu estágio, agradeço também à Dra. Telma Sousa, à Dra. Paula Andrade e à Dra. Helena pela paciência, motivação e disponibilidade em ajudar-me no período de estágio.

Quero agradecer a todos os meus familiares e amigos que de uma maneira ou de outra me ajudaram na concretização do estágio.

Quero agradecer em especial às minhas amigas, Carla Lourenço, Joana Silva e Sofia Rodrigues por me terem dado uma ajuda preciosa durante todo o período de estágio e tudo o que ele envolve.

## Índice Geral

|  |    |
|--|----|
| <b>Introdução</b> .....  | 1  |
| <b>Capítulo I</b>  |    |
| 1.1 - Animação Sociocultural .....   | 4  |
| 1.2 - Perfil do animador .....   | 5  |
| 1.3 - A importância da Animação Sociocultural em contexto hospitalar ..... | 6  |
| <b>Capítulo II</b>   |    |
| Acreditar .....  | 10 |
| <b>Capítulo III</b>  |    |
| Estágio .....  | 15 |
| 3.1 – Objectivos de estágio .....  | 15 |
| 3.2 – Actividades .....  | 15 |
| 3.3 – Descrições de actividades .....                                      | 19 |
| <b>Reflexão final</b> .....  | 21 |
| <b>Bibliografia</b> .....  | 22 |
| <b>Webgrafia</b> .....   | 22 |
| <b>Anexos</b>  |    |

## Índice de Figuras

|   |    |
|---|----|
| Figura 1 – Casa Acreditar de Coimbra .....      | 10 |
| Figura 2 – Voluntários .....                    | 11 |
| Figura 3 – Família de Cabo Verde.....           | 12 |
| Figura 4 – Dia da Mãe .....                     | 12 |
| Figura 5 – Festa de Natal.....                  | 13 |
| Figura 6 – Crianças no Estádio de Coimbra ..... | 13 |
| Figura 7 – Moldura .....                        | 19 |
| Figura 8 – Máscara de carnaval.....             | 19 |
| Figura 9 – Ovos da páscoa.....                  | 20 |

## Lista de siglas

Animação Sociocultural - ASC

## **Introdução**

A Animação Sociocultural (ASC), tendo como principal preocupação os interesses e aspirações dos indivíduos, leva a cabo um conjunto de acções que potenciam o seu próprio desenvolvimento e contribuem para a sua autonomia a vários níveis (cultural, psicológico, social, afectivo e político), estando presente uma atitude anti-autoritária, no sentido de provocar a participação activa.

Desde muito cedo que estamos habituados a ouvir que «rir é o melhor remédio». Está comprovado, e com resultados surpreendentes, que o riso funciona como uma terapia complementar que auxilia na melhoria do estado emocional e orgânico. Depois de ter tido a oportunidade de conhecer bem de perto o que o cancro provoca a uma pessoa e a todas as pessoas que estão ligadas ao doente, decidi realizar o meu estágio na Acreditar de modo a conseguir levar um sorriso àquelas crianças e suas famílias que, diariamente, passam por momentos difíceis e que muitas das vezes um sorriso muda por completo o seu dia. O estágio decorreu na ACREDITAR – Associação de Pais e Amigos de Crianças com Cancro, no núcleo do centro, cediada Coimbra, no período compreendido entre 1 de Março e 31 de Maio de 2010.

Quando falamos da ASC na infância estamos a delinear um âmbito de ASC dirigido a um colectivo específico que identificamos utilizando os critérios da idade. Para diferenciar ASC na infância de outras actividades educativas que também têm lugar nos tempos livres temos de considerar o que é o ócio. Entendemos o ócio como uma forma de utilizar os tempos livres e que promove o prazer das crianças enquanto realizam uma actividade.

A ASC infantil aproveita o potencial educativo do ócio para criar processos de desenvolvimento pessoal e social. Depende o valor da liberdade e não se preocupa em entreter ou distrair as crianças nem para servir-se dos seus tempos livres para alcançar objectivos instrutivos.

Para a ASC na infância as actividades não são um fim mas um meio com o qual se conta para atingir o objectivo último: educa no ócio de modo a que as crianças vivam o seu ócio de forma mais positiva e com prazer combatendo a “indústria do ócio”.

A ASC na infância tem um carácter lúdico e visa possibilitar que a criança possa brincar e que o faça em condições que permitam o seu desenvolvimento individual e grupal.

O relatório divide-se em três capítulos. No primeiro capítulo é apresentada uma abordagem teórica sobre a Animação Sociocultural, perfil do Animador e a importância da Animação Sociocultural no contexto Hospitalar. No segundo capítulo apresento uma breve caracterização da Acreditar. No terceiro e último capítulo descrevo as actividades que realizei na Associação.

Durante o estágio optei por utilizar vários métodos e técnicas da ASC para desenvolver actividades motivadoras para que a criança adquirisse os conhecimentos esperados.

Para melhor integrar as crianças nas actividades optei por duas formas distintas de demonstração do pretendido em cada tarefa: uma demonstração executada por mim e tornar a criança o agente activo, voluntário e consciente (jogos pedagógicos e trabalhos de grupo).

A experimentação foi essencial em todas as actividades, de modo a que a criança pudesse adquirir os conhecimentos de uma forma pessoal, adaptada aos diferentes mecanismos mentais de aprendizagem.

Os jogos pedagógicos, como técnica, foram os mais desenvolvidos ao longo do estágio, tendo como principal objectivo a participação das crianças nos diversos campos de aprendizagem (cognitivos, afectivos, gestuais, corporais e orais).



## **Capítulo I**

### **Animação Sociocultural**

## 1.1 - Animação Sociocultural

Segundo a UNESCO, citado por Ander-Egg (2008), *a Animação Sociocultural (ASC) é um conjunto de práticas sociais que têm como finalidade estimular a iniciativa, bem como a participação das comunidades no processo do seu próprio desenvolvimento e na dinâmica global da vida sócio-política em que estão integrados.*

Animação Sociocultural é o conjunto de práticas desenvolvidas a partir do conhecimento de uma determinada realidade, que visa estimular os indivíduos, para a sua participação com vista a tornarem-se agentes do seu próprio desenvolvimento e das comunidades em que se inserem. Animação Sociocultural é um instrumento decisivo para um desenvolvimento multidisciplinar integrado dos indivíduos e dos grupos. Assim, em qualquer das suas modalidades, adquiriu grande importância nas sociedades actuais.

Este facto deve-se à sua vitalidade como prática e como metodologia no fomento da democracia. A Animação Sociocultural, em particular, emergiu das comunidades em determinadas circunstâncias históricas, e muitos profissionais trabalharam na utopia da transformação e da mudança sociais.

A finalidade de potenciar e de desenvolver as capacidades humanas de relação, de convivência e de inter-ajuda tem feito acreditar, como afirmam Quintas e Sánchez (1999:5) *«que tudo é possível se a gente se reúne para criar projectos comuns e participativos na procura de maior qualidade de vida e de um renovado bem-estar social»*. Parece haver uma necessidade sentida e generalizada de vivenciar a solidariedade e o compromisso. Os animadores sendo produtores de inquietude mostram-se como vitalizadores do social.

Embora a actividade em si venha de tempos imemoriais, o termo foi utilizado pela primeira vez nos anos 60, na Europa, concretamente em França e na Bélgica, para designar um conjunto de acções com o objectivo de gerar participação. É neste sentido que, em 1994, no Livro Branco da Política Social, se refere a necessidade de recuperar o tecido social, passando de uma solidariedade passiva e administrativa a uma solidariedade mais activa baseada na responsabilidade civil.

A ASC, como elemento ou factor das políticas sociais, intervém nas realidades sociais. Ou seja, deve estar contextualizada, adaptada à realidade concreta sobre a qual se quer actuar. O conceito de desenvolvimento que lhe está subjacente obriga a ter em conta não a realidade que existe, mas aquela que os cidadãos querem que exista.

Uma das características mais evidentes da ASC tem sido a sua ambiguidade. Esta questão da ambivalência decorre do facto de a animação poder ser considerada uma profissão específica, mas também um estilo ou atitude de outras profissões. Por outro lado, a sua progressiva e crescente auto fecundidade tem sido caracterizada por dinâmicas e processos que irrompem constantemente em novos espaços pessoais, grupais e sociais. Esta vitalidade tem provocado grande mobilidade e, em consequência, a tarefa de delimitação conceptual vê-se submetida a permanente revisão. Por isso, o universo da ASC é amplo, muito diverso e de contornos bastante difusos. Este facto dificulta a tarefa de organizar ou de sistematizar os diferentes âmbitos, instituições, programas, actividades ou tipo de intervenção que configuram a sua realidade.

Outro aspecto característico refere-se ao facto da ASC ter nascido e se manter em contacto íntimo com cada realidade social, o que a vinculou directamente ao campo de acção. Este predomínio da prática sobre a teoria foi constante na sua génese, configuração e desenvolvimento. Com a prática, geralmente, à frente da reflexão, o posicionamento metodológico acção/reflexão/acção tornou-se predominante.

Assim, o percurso histórico, epistemológico e funcional da ASC confere-lhe uma identidade própria cujos pressupostos teóricos se concretizam em projectos aplicáveis em qualquer campo, sem atraiçoar a filosofia e o modelo de acção em que se inspiram (Quintas e Sánches, 1999).

## **1.2 - Perfil do animador**

Animador sociocultural é todo aquele que, sendo possuidor de uma formação adequada, é capaz de elaborar e/ou executar um plano de intervenção, numa comunidade, instituição ou organismo, utilizando técnicas culturais, sociais, educativas, desportivas, recreativas e lúdicas.

O animador é aquele indivíduo que pelas suas qualidades pessoais e humanas, é caracterizado como alguém que se enquadra na profissão de Animador. Ou seja, alguém disponível, compreensivo, imparcial, solidário, honesto, sensível, voluntário, alguém confiante no desenvolvimento e evolução da sociedade. No entanto, com a evolução profissional na área da ASC e a aposta na formação e profissionalização dos animadores, a

estas características humanas acresceram as características enquadradas no campo académico e profissional. Então, verificou-se um crescimento da importância do papel destes profissionais nas sociedades, uma vez que o animador é formado academicamente para intervir em âmbitos diferenciados e alargados: cultural, social, associativa, desportiva, educativa, recreativa...

O animador trabalha num âmbito de intervenção multidisciplinar e de forma global; em equipa e promovendo parcerias no sentido de intervir no processo de desenvolvimento do indivíduo, grupo ou comunidade. O animador investiga, planifica, projecta, implementa e avalia planos de animação sociocultural, assumindo um papel de agente de sociabilização e mobilização social. Esta clareza de funções (que há uns anos não existia), permite que o animador seja (re) considerado e reconhecido como um profissional e um técnico com competência e formação académica superior, deitando por terra a imagem estereotipada do indivíduo que “desenrasca” umas actividades e “entretém” os grupos com quem trabalha.

É um agente social que promove atitudes de consciencialização e participação nos indivíduos, assumindo assim um papel de mediador, de forma a sensibilizá-los para o processo de desenvolvimento criativo, valorizando as suas capacidades individuais, sociais e culturais.

Os futuros animadores serão indivíduos que estão no terreno, na relação directa com as pessoas e os grupos-alvo do projecto de animação sociocultural. Concebe-se o produto final deste trabalho como transformação social, através da participação directa. Mobilizar e intervir junto das pessoas é sempre uma forma de as tirar da rotina, o que pode ser sentido como provocação. Ou seja, de uma forma sucinta, «que não sofram a realidade mas actuem sobre ela», o que, para todos os efeitos, é um modelo que a animação sociocultural procura incrementar junto das comunidades. Seja em que área trabalhe o animador, ele será sempre um agente de mudança. Para isso, deverá estar preparado pessoal e profissionalmente.

### **1.3 - A importância da Animação Sociocultural em contexto hospitalar**

O tempo em que o hospital era uma instituição fechada pertence ao passado, mas não tão distante. Ainda há quem pense que a criança doente precisa de sossego, pelo que não deve ser incomodada. Esquecem-se de ouvir a opinião das crianças e dos pais. Está comprovado

que a promoção de vivências que permitam à criança continuar a poder ser criança enquanto está no hospital vai contribuir para a diminuição dos efeitos do internamento, proporcionar uma melhor qualidade de vida e tornar o olhar sobre a criança no hospital mais humanizado.

Um hospital é uma instituição com inúmeras capacidades, com recursos humanos dotados de um potencial de criatividade que importa dinamizar para melhorar a vida da criança, tendo presente os direitos consignados na Carta da Criança Hospitalizada (EACH, 1988). Contribuir para o cumprimento das recomendações da Carta da Criança Hospitalizada é garantir o direito de Ser Criança mesmo quando está doente.

Para a criança, a permanência num hospital é uma experiência traumatizante, é uma ruptura com os seus hábitos e com o seu mundo habitual: a família, a escola e os amigos.

Para além do mais, no hospital, como assinalam Úllan e Velber (2004), não se dispõe dos muitos dos recursos que a sua própria casa apresenta para os entreter e, portanto, não é de estranhar que haja a possibilidade de ver no quarto destas crianças hospitalizadas, pais e crianças desalentados, ou que as crianças digam que estão aborrecidas, o que muitas das vezes se espelha na forma como brincam, reflectindo-se também no seu bem-estar psicológico.

A hospitalização pode gerar sofrimento e angústias que a fragilizam e até pode dificultar o seu processo de tratamento. Os sentimentos de solidão de ruptura com a vida exterior, o medo da dor, a perda da independência e da autonomia, são elementos que podem tornar a vida no hospital triste e tensa.

Uma das formas de os minimizar é tornar o meio hospitalar mais amigável, é levar vida e proporcionar experiências diferentes à criança e à família que tornem a sua estadia menos dolorosa, é contribuir para um ambiente mais humanizado. Hoje, estão disponíveis diversos meios que podem amenizar a estadia da criança no hospital, como por exemplo: o apoio educacional, a visita dos amigos, a criação de momentos de quebra de rotina da vida diária com a introdução de vivências em que a criança possa esquecer o local onde está, e viver momentos de profundo bem-estar e satisfação. Isto quer dizer que os serviços devem estar centralizados na criança e nas suas necessidades. Brincar é uma actividade fundamental ao seu desenvolvimento mesmo quando doente, para além disso é um direito.

Úllan e Velber (2004) afirmam que as actividades recreativas, são realizadas muitas das vezes pelos pais das crianças que estão hospitalizadas e também pelos voluntários, o que coloca o problema da continuidade e a permanência dos seus trabalhos, já que têm um

carácter temporal e instável, o que dificulta a sua integração como parte das atenções que é dada à criança hospitalizada.

Assim, Animação Sociocultural nestes locais é muito importante, pois é necessário que existam intervenções programadas da responsabilidade de profissionais preparados para o meio hospitalar, que aprenderam o que é um hospital, o respeito pela criança e pela família, que sabem estar com os profissionais de saúde, que dialogam com eles com o intuito de contribuir para o bem-estar da criança e que principalmente têm vontade de aprender com os outros profissionais para que exista um trabalho de equipa e uma troca de saberes. Esta intervenção é sentida pela criança e família, e também pelos outros profissionais que, muitas vezes usufruem de momentos lúdicos, de paragem na sua actividade, que é frequentemente geradora de grande tensão. É necessário existir por parte dos serviços uma organização para que estas iniciativas possam ser conjugadas, articuladas e integradas na vida hospitalar, constituindo uma mais-valia no apoio às crianças e às suas famílias. Isto requer profissionais nas respectivas áreas da cultura e/ou Animação e não pessoas de boa vontade que gostem de animar crianças. É necessário garantir a continuidade e o profissionalismo.

## **Capítulo II**

**Associação de Pais e Amigos de Crianças com Cancro  
- Acreditar -**

## **Acreditar**

A Acreditar – Associação de Pais e Amigos de Crianças com Cancro, é uma instituição de Particular de Solidariedade Social que pretende dar apoio a crianças e suas famílias, de modo a ultrapassarem os vários problemas que aparecem assim que é diagnosticado o cancro.

É através de um reduzido corpo pessoas administrativo, apoio dos sócios, amigos, e voluntários que a Acreditar é mantida. Existem vários núcleos regionais: Norte (Porto), Centro (Coimbra), Sul (Lisboa) e Madeira (Funchal), correspondentes aos centros onde existem hospitais de oncologia pediátrica.

## **Casa de Coimbra**

A Acreditar, Casa de Coimbra, foi a 18 de Novembro de 2009 inaugurada, tendo recebido só em 2 de Fevereiro de 2010 a primeira família. Até aos dias de hoje esta “Casa longe de casa”, recebeu várias famílias cujas crianças estão em tratamento no Hospital de Coimbra.



Figura 1 – Casa Acreditar de Coimbra  
Fonte: Acreditar

A Acreditar tende em ser a casa destas crianças que acompanhadas pelas suas famílias estão longe das suas casas durante os períodos de tratamento ambulatorio. As famílias podem ficar gratuitamente na Casa, tendo apenas de lidar com a manutenção dos espaços que ocupam. A Casa conta ainda com ajuda dos voluntários que diariamente estão disponíveis para ajudar as famílias.

“O impacto que esta Casa tem na vida destas famílias, que se encontram numa situação muito difícil a vários níveis, é extremamente importante” (relatório de actividades da casa Acreditar – Coimbra, 2011), porque para uma família que tenha uma criança em estado de doença prolongada, o esforço emocional é muito elevado, não só pela gravidade da doença mas por se encontrarem durante um largo período de tempo longe da sua vida normal, assim um dos objectivos da Acreditar é “procurar atenuar ao máximo este sofrimento, oferecendo para isso um espaço acolhedor e familiar, em alternativa muitas vezes o mais um internamento forçado ou a um alojamento em condições precárias e não adaptadas” (relatório de actividades da casa Acreditar – Coimbra, 2011).

### ***Voluntários***

A Acreditar conta com a ajuda de 60 voluntários para a realização de actividades lúdicas e outras de ordem prática para a manutenção da Casa, sendo os voluntários maioritariamente mulheres. Bastante jovens, entre os 20 e 30 anos, asseguram uma boa manutenção e funcionamento da Casa. E para isso é importante que eles se encontrem motivados, pelo que, a Acreditar disponibiliza formações contínuas e acompanhamento regular.



Figura 2 – Voluntários  
Fonte: Acreditar

### ***Famílias***

No ano de 2010 foram recebidas na Casa 184 inscrições de 51 famílias, a Acreditar recebe crianças e jovens de todo o Continente, Açores, Madeira, Angola e Cabo Verde. A Casa não só recebe crianças com cancro mas também crianças com outras patologias (surdos com implante coclear, transplantes hepáticos e cardiopatias).

As crianças estão acompanhadas normalmente apenas por um familiar, embora durante os fins-de-semana ou nas férias exista a possibilidade de os restantes membros da família se reunirem na Casa, principalmente nas festas de Natal e Fim de Ano.

As famílias são ainda apoiadas com diversos bens que são oferecidos à Instituição, como, bens alimentares, de higiene, roupa e brinquedos.

### **Parceiros**

Embora a Acreditar conte com a ajuda de sócios e amigos, tem também parceiros que ajudam a Instituição, sendo eles os principais, o Centro Hospitalar de Coimbra, o Hospital da Universidade de Coimbra e a Saudaçor, que através do serviço social reencaminham as famílias para a Casa. No ano de 2010 a Casa conta também com a Mota Engil, Fundação D. Pedro V, Plural, Tranquilidade, Hotel Cascais Mirage, Caixa Geral de Depósitos, Lupa Biológica e RFM, nos patrocínios dos quartos. Conta ainda com outras instituições como a OTIS, Freguesia de Santo António dos Olivais, Terra dos Sonhos, ABC Cabeleireiros, Faculdade de Economia e Faculdade de Psicologia da Universidade de Coimbra.



Figura 3 – Família de Cabo Verde  
Fonte: Acreditar

### **Actividades**

De modo a distrair as crianças e as suas famílias e para diminuir um pouco a ansiedades que estas famílias trazem, a Acreditar realiza durante todo o ano várias actividades, como, passeios a locais de interesse, pequenas comemorações em dias festivos, aprendizagem de novas competências, trazendo assim alguma normalidade à vida destas crianças.

Algumas das actividades realizadas pela Casa, foram:

- No dia 15 de Fevereiro sinalizou-se o Dia Internacional das Crianças com Cancro com a entrega de presentes a todas as crianças hospitalizadas.
- Em Maio receberam a visita do Planetário do Departamento de Matemática da Universidade de Coimbra na Casa para uma sessão com as famílias.
- De forma a sinalizar o Dia da Mãe, deslocaram-se à Casa duas esteticistas para um dia de cuidados às mães.



Figura 4 – Dia da Mãe  
Fonte: Acreditar

- No dia 1 de Junho, celebrou-se o Dia da Criança com uma ida ao Exploratório - Museu Ciência Viva, lanche e entrega de presentes a todas as crianças da Casa;
- Desenvolveu-se ateliês de pintura, tricô e bordados, para as crianças e também para os Pais.
- Com o calor do verão aproveitou-se para ir até à praia da Figueira da Foz, onde alguns meninos viram o mar pela primeira vez;
- Em Dezembro visitaram o Estádio de Coimbra a convite da Académica -Organismo Autónomo de Futebol.
- A Festa de Natal, realizada em Lisboa, contou com a actuação de muitos amigos da Acreditar.



Figura 6 – Festa de Natal  
Fonte: Acreditar



Figura 5 – Crianças no Estádio de Coimbra  
Fonte: Acreditar

## **Capítulo III**

### **Estágio**

## **Estágio**

O estágio está integrado no plano curricular do curso. Serve essencialmente para que o aluno em determinada época do seu percurso académico possa sentir o mercado de trabalho e as suas exigências. É a oportunidade para que se coloque em prática os conhecimentos adquiridos na sala de aula, de maneira que possam vivenciar no dia-a-dia a teoria, absorvendo melhor os conhecimentos, podendo reflectir e confirmar sobre a sua escolha.

O estágio decorreu sob a orientação da docente Florbela Rodrigues por parte do Instituto e sob a orientação da Dr.<sup>a</sup> Telma Sousa por parte da Instituição. Durante o período de estágio a Casa Acreditar acolheu crianças de várias idades, desde os 3 aos 18 anos, cerca de 15 crianças nos três meses. O horário de estágio era compreendido entre as 14 horas e as 20 horas, uma vez que era nessa altura que a maioria das crianças se encontrava na Casa, tendo sempre o acompanhamento de voluntários que se revezavam em vários turnos, aproximadamente 9 voluntários por dia.

### **3.1 – Objectivos de estágio**

- Aplicar os conhecimentos teórico-práticos adquiridos ao longo do curso.
- Ampliar as minhas capacidades no âmbito dos processos de planificação, organização, operacionalização e avaliação de actividades.
- Proporcionar uma qualidade de vida diferente às crianças e suas famílias.
- Realizar actividades socioculturais de acordo com as capacidades das crianças, incentivando estas e suas famílias a participarem nas actividades.
- Proporcionar às famílias algum tempo de distração.

### **3.2 – Actividades**

As actividades programadas para o período de estágio a desenvolver com as crianças foram a nível de expressão plástica, nomeadamente, elaboração de fantoches, pinturas, construções com material reciclado; de expressão dramática (jogos de expressões) e também a

realização de passeios e ou visitas a parques e museus da cidade. Algumas das actividades tinham em conta datas festivas, como o Dia do Pai, Carnaval, Páscoa e Dia da Criança.

Contudo, nem todas as actividades programadas foram desenvolvidas. Com o passar do tempo e com a ajuda das crianças e dos voluntários, apercebemo-nos que nem todo o tipo de actividades são apropriadas devido ao estado físico das crianças. Como é referido por Jardim (2002): *O Animador assume o papel de despertador da sensibilidade e da fantasia, abre o ser à comunicação, à expressão e à admiração pelas coisas; guia oferecendo motivações, criando o ambiente apropriado. Naturalmente que faz tudo isto sem pressas e com grande respeito pelos ritmos e necessidades de cada um.* Posto isto, tivemos sempre a atenção de ajustar as actividades ao estado de cada uma delas, algumas vezes eram as próprias crianças que rejeitavam as actividades, ou porque não as queriam fazer ou simplesmente porque teriam chegado do hospital cansadas e apenas queriam estar sentadas no sofá a assistir à execução destas pelos colegas.

Para a realização das actividades contou-se sempre com a ajuda dos voluntários, que se disponibilizaram para tal efeito, pois cada criança necessitava sempre de uma ajuda, fosse para recortar papel, para pintar ou até mesmo para ensinar duas ou três vezes como se fazia o que era pedido.

Nem todos os dias eram realizadas actividades mais complexas, havia os dias em que não havia crianças na casa ou quando havia apenas queriam fazer jogos simples, como jogar as cartas, estar no computador, ler ou realizar actividades lúdicas com o que a casa dispõe nas salas e no parque.

Apesar disso, ao longo dos três meses de estágio, para além de ter a oportunidade de implantar actividades minhas, também ajudava nas actividades já programadas pela Casa. A Acreditar aceitava escolas e grupos que pretendiam fazer actividades com as crianças, e sempre que isso acontecia, ficava a meu cargo orientá-los na Casa e auxiliar no que fosse necessário.

Diariamente ao chegar à instituição, preparava o material necessário para a actividade que escolhera para aquele dia, fosse ela realizada ou não, porque à hora que eu entrava para o estágio ainda não havia crianças na Casa ou ainda estariam a almoçar.

Entretanto, enquanto percorria a Casa para ver que crianças havia e cumprimentar as famílias, auxiliava também nalguma lida da Casa que houvesse para fazer. Depois reunia-me nas salas com as crianças para realizar algumas actividades mais simples, como ajudar nos

deveres da escola, fazer desenho, pintar telas, fazer puzzles, ensiná-las a navegar na internet, actividades que não necessitavam de muito esforço por parte das crianças.

À tarde começavam a chegar as crianças que estavam em tratamento e aí colocava em prática as minhas tarefas propostas.

Durante o estágio ocorreram vários dias festivos, tais como o Carnaval, o Dia da Mulher, o Dia do Pai, a Páscoa e o Dia da Criança, posto isto, foram realizadas actividades de modo a assinalarem essas datas festivas. As actividades que duravam mais que um ou dois dias a serem concluídas pois as crianças depressa se cansavam do que estavam a fazer devido ao seu estado. Uma vez que o carnaval e o dia da mulher coincidiam no mesmo dia, as crianças escolheram celebrar o carnaval pois era mais divertido e podiam fazer máscaras de vários estilos e ao gosto delas. Para o dia do pai foi escolhido fazer uma moldura, onde depois de enfeitadas, as crianças poderiam colocar uma fotografia delas.

Na Páscoa, para assinalar a data foram elaborados ovos da Páscoa. Numa primeira fase, foi ensinado às crianças como retirar o interior do ovo sem o partir, para depois cada uma delas dar azo à sua originalidade, e decorá-lo consoante os seus gostos. Com o aproveitamento da clara e da gema do ovo, foi cozinhado um pudim na cozinha da Casa com a ajuda dos voluntários mais prestados para a culinária, para depois ser repartido por todos. Notei que esta actividade foi bem sucedida uma vez que a maioria das crianças participou entusiasticamente.

No dia da criança, o Hospital Pediátrico de Coimbra ofereceu uma festa a todos os utentes, tendo ocupado a tarde toda. No final do dia quando estas regressaram à Casa foi-lhes entregue uma simbólica prenda oferecida pela Acreditar (prendas diferentes para cada criança pois eram escolhidas consoante a idade de cada uma delas). No mesmo dia, foi ainda inaugurado um pequeno parque infantil dentro das instalações da Casa Acreditar tendo a participação especial do cantor André Sardet que animou as crianças, famílias, voluntários e todos os presentes na Casa com algumas das suas canções. Nos dias seguintes foram pintadas camisolas alusivas ao dia da criança.

Como referi todos os dias a Casa contava com a presença de voluntários, tendo quase sempre caras novas e sendo difícil decorar tantos nomes, juntamente com as crianças foi decidido fazer crachás com o nome de cada um dos voluntários de modo a poder prendê-los na camisola, promovendo também a facilidade de aproximação entre a criança e o voluntário.

Uns dias transformavam-se as salas de brincar em salas de cinema, onde todos se sentavam no sofá, alguns acomodados também no chão assistia-se assim a filmes de desenhos animados acompanhados com um balde de pipocas.

Outros dias, quando as crianças se encontravam em melhor estado e o tempo o permitia faziam-se passeios até ao Parque Mondego onde passávamos a tarde a desfrutar de ar livre e de sol, nestes casos sempre com o acompanhamento das famílias.

Uma outra tarde diferente foi também a ida ao Portugal dos Pequenitos com as crianças e as suas famílias, onde foi possível oferecer às crianças alguma distração e conhecimento sobre as várias regiões de Portugal e a presença portuguesa no mundo.

Já no final do estágio e para presentear a direcção da Acreditar, foram construídos pelas crianças vários porta-canetas com material reciclado, tendo cada um deles o nome de cada funcionário para que estes pudessem cooclá-los na sua secretária.

As actividades propostas para as famílias teriam em vista a exploração de novos conhecimentos, nomeadamente visitas a museus, teatros e a vários monumentos da cidade ou até mesmo a aprendizagem de trabalhos manuais, como ponto cruz, renda ou bordados. Mas todas estas actividades embora tivessem sido programadas e comunicadas às famílias, elas nunca se chegaram a realizar, não porque não fossem do interesse destas mas porque as elas aproveitavam antes o tempo em que as crianças estavam ocupadas para relaxarem e descansarem ou para tratar de assuntos pessoais e da lida da casa.

Nos momentos em que as famílias se encontravam nas salas, eram sempre convidadas a participarem nas actividades das crianças. Em algumas das vezes ficávamos sentadas na sala a conversar, fosse sobre a situação em que se encontravam ou fosse sobre as notícias do dia-a-dia, porque muitas das vezes sentia-se nelas a necessidade de desabafar com alguém ou apenas passar uns bons momentos de conversa.

### 3.3 – Descrições de actividades

➤ Dia do Pai

Material: papel de borracha (papel eva), cartolina, cola, marcadores, fotografias, tesouras, purpurinas.

Descrição: com o papel de borracha faz-se uma moldura com quatro tiras que são coladas a um quadrado de cartolina. Cada criança enfeita a moldura a seu gosto e no fim é colocada uma fotografia da criança dentro da moldura.



Figura 7 – Moldura  
Fonte: própria

➤ Máscaras de Carnaval

Material: desenhos de máscaras, folhas em branco, cartolina, lápis de cor, purpurinas, elástico, cola e tesouras.

Descrição: a máscara escolhida é decalcada numa folha em branco, esta é colada em cartolina e recortada. Em seguida cada criança enfeita a máscara como pretende. No fim é colado um elástico para segurar a máscara na cara da criança.



Figura 8 – Máscara de Carnaval  
Fonte: própria

➤ Ovos da Páscoa

Material: ovos, alguidar, agulha, tintas e pincéis

Descrição: abre-se no ovo um buraco em cada extremidade, sopra-se para dentro do ovo de modo a conseguir retirar todo o seu conteúdo para o alguidar. Depois lava-se e enxagua-se o ovo e fica pronto para ser pintado. No fim é só deixar secar.



Figura 9 – Ovos da Páscoa  
Fonte: própria

➤ Crachás

Material: tecido de feltro, marcadores, alfinetes, cola e tesouras

Descrição: recorta-se o feltro em várias formas (rectângulos, oval, hexágonos), cola-se na parte de trás uma tira de feltro de modo a segurar o alfinete, na parte da frente escreve-se o nome que se pretende.

➤ Porta canetas

Material: papel de borracha (papel eva), rolos de cartão (por exemplo: rolos de papel higiénico), cola, tesouras e material para enfeitar.

Descrição: recorta-se uma base com o papel de borracha, cola-se uns dos lados do rolo nessa base. Pinta-se e enfeita-se o rolo ao gosto das crianças.

➤ Camisolas coloridas

Material: camisolas brancas, marcadores próprios para roupa, cartão e molas.

Descrição: coloca-se dentro de cada camisola um pedaço de cartão e prende-se com molas as camisolas ao cartão de modo a ficarem bem esticadas, de seguida cada criança decora a camisola com os marcadores a seu gosto.

## **Reflexão final**

Neste estágio foi-me pedido para realizar actividades com as crianças, com as famílias e com os voluntários da Casa, apesar de ter tentado realizar actividades com todos estes públicos diferentes, nem tudo correu como pretendia. Com as crianças, as actividades foram aceites positivamente. Com as famílias aprendi a actuar de acordo com a situação de cada uma delas. E, infelizmente com os voluntários já não correu como esperava pois todas as actividades sugeridas foram negadas, tendo chegado ao final do estágio sem a realização de qualquer actividade com eles.

Como referi no capítulo III, nem sempre havia crianças na Casa, nesses momentos aproveitava para preparar actividades, para rever o material necessário ou para ajustar o que fosse preciso para que todas as crianças pudessem participar. Ainda assim nestas alturas, além de preparar as actividades relacionadas com o estágio também demonstrava versatilidade ajudando nas lidas diárias da Casa, como na limpeza dos quartos, arrumação da roupa na lavandaria. Sempre que necessário ficava na recepção da Casa e de modo a tornar a estadia dos familiares mais cómoda, uma vez por semana transportava as mães ao centro comercial para que pudessem realizar as compras necessárias para o seu dia-a-dia.

Neste período de estágio foi-me dada a oportunidade de pôr em prática toda a aprendizagem destes três anos, tanto teórica como prática. Devo dizer que o balanço final foi bastante positivo, uma experiência enriquecedora, fosse a nível profissional como pessoal. Aprendi bastante com todas aquelas crianças, não só tive a oportunidade de lhes ensinar algo, como também tive a oportunidade de ser ensinada. Criar actividades a partir do nada, aprender a controlar as emoções, aprender que muitas das vezes basta um simples sorriso, uma palavra bem dita ou um abraço para que tudo fique bem, foi das principais coisas que aprendi durante os três meses em que estive rodeada de todas aquelas crianças que dia-a-dia procuram lutar contra a sua doença.

O estágio foi um primeiro contacto com o mundo de trabalho no qual, no início, senti um pouco de receio, mas com o passar do tempo todo aquele receio de que poderia correr mal ficou de parte, porque apesar de ser durante este tempo que podemos cometer erros e aprender com eles, melhorando-os numa próxima vez, tive a preciosa ajuda tanto das minhas orientadoras como dos voluntários da Acreditar para que tudo corresse da melhor forma.

## **Bibliografia**

ANDER-EGG, Ezequiel (2000). *Metodologias y Prácticas de la Animación Sociocultural*. Madrid: Editorial CCS.

CATAÑO, María Ángeles Sánchez; QUINTAS, Sindo Froufe (1999). *Animación Sociocultural, Nuevos Enfoques*. Ediciones Amam.

JARDIM, Jacinto (2002). *O Método da Animação: Manual para o Formador*. AVE. Porto.

LOPES, Marcelino (2006). *Animação Sociocultural em Portugal*. Amarante: Editora Intervenção

PEREIRA, José; et. al. (2001). *Animação, Artes e Terapia*. Editora: Intervenção.

PERES, Américo Nunes e LOPES, Marcelino Sousa (2007). *Animação Sociocultural – Novos Desafios*. Chaves: Gráfica do Norte.

TRILLA, Jaume (1998). *Animação Sociocultural - Teorias, Programas e Âmbitos*. Lisboa: Editorial Ariel.

## **Outras fontes**

Relatório de Actividades da Casa Acreditar de Coimbra. 2011.

## **Webgrafia**

[www.acreditar.org.pt](http://www.acreditar.org.pt) (consultado a 13 de Outubro)

[www.iacrianca.pt/](http://www.iacrianca.pt/) (consultado no dia 9 de Novembro)

## **Listagem de anexos**

Anexo 1 – Plano de estágio

Anexo 2 – Plano de actividades

Anexo 3 – Fotografias das actividades

# **ANEXO 1**

## **Plano de estágio**

# **ANEXO 2**

## **Plano de actividades**

## Plano de Actividades

| PÚBLICO            | ACTIVIDADES   | DESCRIÇÃO  | OBJECTIVOS   |
|--------------------|---|--|--|
| <b>Crianças</b>    | Expressão plástica  | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Elaboração de fantoches.</li> <li>• Elaboração de máscaras</li> <li>• Pinturas com várias técnicas (exemplos: usando serapilheira, com recortes, com as mãos, técnica da palhinha)</li> <li>• Várias construções com material reciclado.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender a importância das artes plásticas como meio de expressão e comunicação visual.</li> <li>• Desenvolver a compreensão e a pesquisa de processos criativos.</li> </ul> |
|                    | Expressão Dramática   | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Jogos de apresentação</li> <li>• Jogos de sensações</li> <li>• Jogos de sons</li> <li>• Jogos dramáticos</li> </ul>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Estimular as expressões (oral, gestual, corporal)</li> <li>• Aprender a exprimir emoções e sentimentos</li> </ul>   |
|                    | Passeios / visitas  | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Parque de Santa Cruz</li> <li>• Parque Verde do Mondego</li> <li>• Portugal dos Pequenitos</li> <li>• Pavilhão Centro de Portugal</li> <li>• Museu da Água de Coimbra</li> </ul>  | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Promover o contacto com novos espaços</li> <li>• Sensibilizar para a importância dos cuidados a ter com o ambiente</li> <li>• Aprender novos conhecimentos</li> </ul>           |
| <b>Famílias</b>    | Lazer   | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Aprender ponto cruz</li> <li>• Passeios temáticos (exposições, teatros)</li> </ul>  | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Exploração de novos conhecimentos</li> </ul>  |
|                    | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Podem ainda integrar nas actividades das crianças</li> </ul> |  |  |
| <b>Voluntários</b> | Workshops   | <ul style="list-style-type: none"> <li>• “Dinâmicas de Grupo”</li> </ul>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Aprender a estar e trabalhar com um grupo e em grupo</li> <li>• Saber lidar com um grupo</li> </ul>   |
|                    |   | <ul style="list-style-type: none"> <li>• “Massagens de relaxamento”</li> </ul>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Aprender vários tipos de massagens</li> </ul>   |

# **Anexo 3**

## **Fotografias das actividades**

# Carnaval





## Dia do Pai



## Actividades com escolas







## Teatro



## Passeio ao Parque Mondego





**Páscoa**





## Dia da Criança





## Visita ao Portugal dos Pequenitos

